

**SEVERINO BEZERRA E SUA
TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO
NORTE-RIO-GRANDENSE: de
normalista à criação do
Colégio Dom Pedro II (1908-
1946)**

**SEVERINO BEZERRA AND
ITS TRAJECTORY IN NORTE-
RIO-GRANDENSE
EDUCATION: from normalist
to the creation of Dom Pedro
II College (1908-1946)**

*Ana Tereza dos Santos Araújo**
*Maria Inês Sucupira Stamatto (Dra.)***
*Olívia Moraes de Medeiros Neta (Dra.)****



Imperatriz (MA), v. 2, n. 3, p. 2-14, jul./dez. 2020
ISSN 2675-0805

Recebido em: 06 de setembro de 2020
Aprovando em: 19 de outubro de 2020

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade investigar a trajetória do intelectual Severino Bezerra de Melo (1888-1971), no recorte temporal de 1908 a 1946, contemplando seu ingresso na primeira turma da Escola Normal de Natal, sua atuação como professor público e a construção do Colégio Dom Pedro II, colégio que ele dirigiu e em que lecionou até sua atuação como diretor do Departamento de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Para tal, utilizamos de análise documental e bibliográfica com base nos entendimentos de Sirinelli (1996) sobre Intelectuais; de Fontes Históricas para Barros (2010); e sobre o Método Indiciário para Ginzburg (1989). Os estudos acerca dos Intelectuais demonstram uma linha tênue entre o cultural e o político, isso posto, buscamos investigar o professor Severino Bezerra em todos os seus aspectos e espaços de atuação, bem como os agentes envolvidos em sua trajetória, evidenciando a sua história como Intelectual no Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Intelectual. Professor público. História da Educação. Rio Grande do Norte.

* Graduanda. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: tereza.araujo18@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9251-9488>

** Professora Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: stamattoines@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7486-9951>

*** Professora Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: olivianeta@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>

ABSTRACT

his research aims to investigate the trajectory of the intellectual Severino Bezerra de Melo (1888-1971), in the time frame from 1908 to 1946, contemplating his entry into the first class of the Escola Normal de Natal, his performance as a public teacher, the construction of the Colégio Dom Pedro II, the school he ran and taught until his performance as director of the Department of Education of the State of Rio Grande do Norte. To this end, we used documentary and bibliographic analysis and the understanding of Intellectuals for Sirinelli (1996), Barros (2010), on Historical Sources and Ginzburg (1989), which deals with the Indicator Method. Studies on intellectuals demonstrate a fine line between the cultural and the political, that is, we seek to investigate Professor Severino Bezerra in all its aspects, as well as in his areas of activity and the agents involved in his trajectory, evidencing his history as an Intellectual in Rio Grande do Norte.

Keywords: Intellectual. Public teacher. History of education. Rio Grande do Norte.

1 Introdução

Historicamente, os intelectuais são figuras com influência na sociedade, tratam-se de atores sociais que desempenham papéis importantes na comunidade. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória de Severino Bezerra de Melo, intelectual que ingressou em 1908 na primeira turma da Escola Normal de Natal, onde formou-se em 1910, quando era noivo da sua colega de turma Judith de Castro Barbosa.

Após sua aprovação em concurso, iniciou sua jornada como professor público. Severino lecionou em alguns grupos escolares no estado do Rio Grande do Norte, entre eles o Grupo Escolar Frei Miguelinho, em 1913. Em seus vários cargos no estado, sempre se manteve na área educacional, atuando como professor de Geografia na Escola Normal de Natal, lecionando Instrução Moral e Cívica no Ateneu Norte-Rio-Grandense, dirigindo a Escola de Comércio de Natal e ainda lecionando na Escola Feminina de Comércio e na Escola Doméstica de Natal. Em 1927, fundou e dirigiu o Colégio Pedro II, um internato, semi-internato e externato, que viria a ser ginásio por um curto período. Como uma figura influente, posteriormente, assumiu, em 1946, a cadeira da Direção de Educação de Natal/RN.

Para atingir os objetivos do estudo, utilizamos da pesquisa do tipo documental e bibliográfica. Foram realizadas pesquisas documentais em acervos físicos, como o Arquivo Público Nacional (AN), no Rio de Janeiro, e virtuais disponibilizados pelos repositórios institucionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), notadamente o Laboratório de História e Memória da Educação (LAHMED); assim como na Hemeroteca Digital Brasileira (BN), onde foi realizado coleta e catalogação de fontes documentais sobre Severino Bezerra e seus espaços de atuação. Pesquisamos,

ainda, em livros e em jornais como o A República e a revista Pedagogium, a fim de entender como se configurava a atuação de Severino na sociedade e no campo educacional no período estudado.

Conforme Barros (2019), fontes históricas são as marcas da história.

‘Fonte Histórica’ é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente (BARROS, 2019, p. 1).

Então, para compreender Severino como intelectual, realizamos levantamento bibliográfico, a partir do qual destacamos autores relevantes à pesquisa em História da Educação, como Nascimento (2018), para analisar a trajetória de Severino Bezerra como normalista, e o livro biográfico intitulado Nany, Suíte em cinco movimentos para uma violoncelista, de Barbosa (2000), este fundamental para a escrita da pesquisa.

Teoricamente, utilizamos os entendimentos de Sirinelli (1996) sobre Intelectual e o de Barros (2010) sobre Fontes Históricas; e, metodologicamente, ressaltamos o uso do Método Indiciário de Ginzburg (1989), que evidencia que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (2007, p. 177). Destacamos a busca por esses sinais e indícios, de modo que contribuíssem para os objetivos traçados inicialmente na nossa pesquisa, a partir das fontes encontradas. Esse mapeamento das fontes nos proporcionou a construção do nosso corpus documental, composto por documentos de diversas tipologias.

2 Severino Bezerra de Melo no Rio Grande do Norte

Para dar início à discussão sobre as atuações de Severino, faremos um breve histórico sobre sua vida. Severino Bezerra de Melo nasceu em 20 de maio de 1888, filho de João Bezerra de Melo e Idalina Bezerra de Melo, natural de Nazaré da Mata, em Pernambuco. Severino Bezerra era o segundo filho do casal, possuindo oito irmãos. Em 1904, seu pai decidiu vir trabalhar como tesoureiro na Companhia Construtora da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, para tal, mudaram-se para Natal/RN.

Em 1908, Severino iniciou sua trajetória educacional no Rio Grande do Norte, quando, aos 16 anos de idade, ingressou na primeira turma da Escola Normal de Natal, que funcionava nas instalações do Ateneu Norte-Rio-Grandense. Em 1910, a primeira turma da Escola Normal foi diplomada, quando se formaram 7 professores e 20 professoras, dentre eles, Severino Bezerra.

Decidiu dedicar-se à arte da docência indo estudar na Escola Normal de Natal, onde fez parte da primeira turma de formandos, em 04 de dezembro de 1910. Nessa turma, formaram-se, segundo Morais:

Luiz Antônio dos Santos Lima, Severino Bezerra de Melo, Manuel Tavares Guerreiro, Anfilóquio Carlos Soares Câmara, Francisco Ivo Cavalcanti, José Rodrigues Filho, Luiz Garcia Soares de Araújo, Ecila Pegado Cortez, Judith de Castro Barbosa, Áurea Fernandes Barros, Olda Marinho, Stela Vésper Ferreira Gonçalves, Beatriz Cortez, Arcelina Fernandes, Guiomar de França, Anita de Oliveira, Francisca Soares da Câmara, Maria Natália da Fonseca, Maria Abigail Mendonça, Maria das Graças Pio, Clara Fagundes, Maria da Conceição Fagundes, Maria Julieta de Oliveira, Maria Belém Câmara, Maria do Carmo Navarro, Helena Botelho, Josefa Botelho (MORAIS, 2006, p. 75).

Durante a cerimônia de colação da turma, Severino noivou com sua colega de classe, a professora Judith de Castro Barbosa (Figura 1). No mesmo ano, em 26 de dezembro, os professores Severino e Judith se uniram em casamento, ambos nomeados, com emprego garantido em outra cidade.

Figura 1 - Judith e Severino Bezerra, 1910.



Fonte: Barbosa (2000).

Segundo Nascimento (2008), após a diplomação, os professores formados poderiam lecionar nos cursos primários públicos e privados, para tal, deveriam ser credenciados.

Para ser credenciado como professor público provisório, o docente passava por exames nos quais constavam os principais pontos da prática nesses estabelecimentos primários. Fazia parte da avaliação uma prova escrita com a descrição de um passeio escolar, a apreciação de uma festa da árvore e de uma festa nacional realizada na escola, cujo tema seria a influência da educação na formação do caráter nacional (NASCIMENTO, 2008, p. 94).

Na época, o professor Severino e a sua turma presenciaram ambientes contrastantes, com o atraso no desenvolvimento da região devido à falta de transporte e luz elétrica, além das rivalidades entre os residentes do bairro da Cidade Alta e da Ribeira, Canguleiros e Xarias. Porém, em contraponto, a vida espiritual e intelectual estava em pleno vapor, contando com associações literárias, jornais, revistas e reuniões sociais, como demonstra o professor Severino Bezerra, em comemoração ao cinquentenário da instalação da Escola Normal, quando escreveu sobre o acontecimento no jornal A República:

Foi nesse ambiente de contraste entre o progresso material e as coisas do espírito, que se instalou, na tarde de 13 de maio de 1908, no prédio do Atheneu, hoje Escola de Farmácia e Odontologia, a Escola Normal do Rio Grande do Norte, com a presença do Governador Alberto Maranhão, do seu Diretor Dr. Francisco Pinto de Abreu, professores, autoridades, discursos, declamações, muita gente e muito entusiasmo (MELO, 1958, p. 6).

A partir do exposto, podemos verificar a trajetória de Severino Bezerra primeiramente como aluno da Escola normal, para, em seguida, observar suas atuações como professor e Intelectual do campo educacional do estado.

3 De normalista à professor público

Ainda na cerimônia de formatura, em 1910, o Governador Alberto Maranhão fez a entrega os diplomas e anéis de formatura para os alunos. Dalí, os alunos também já saem nomeados: grupos escolares de várias cidades do estado aguardavam os recém-formados da Escola Normal de Natal para assumir seus postos como professores e diretores.

Formado, Severino Bezerra começou a atuar como professor em 1911, quando mudou-se para São José de Mipibu com sua esposa, agora chama de Judith Bezerra de Melo. O casal mudou-se para assumir o novo Grupo Escolar Barão de Mipibu, onde o professor Severino assumiu a direção e a professora Judith, as salas de aula. Ali permaneceram até 1922, constituindo sua família, onde tiveram oito dos seus doze filhos: Maria Júlia, 1911; Lygia, 1912; Creso, 1914; Maria, 1915; Mirtes, 1916; Túlio, 1918; Mário, 1919; e Geraldo, 1920. Também sepultaram dois desses, Maria Júlia e Mário.

Posteriormente, obtiveram transferência para Natal, onde iriam lecionar no Grupo Escolar Frei Miguelinho, criado em 1913. Sendo assim, em 1921, voltaram a residir na capital, onde tiveram mais quatro filhos: Creuza, 1922; Yara, 1923; Nany, 1925; e Marta em 1927. A família pode ser vista na Figura 2.

Figura 2 - Severino Bezerra ao lado de sua família, incluindo genros,



Fonte: Barbosa (2000).

Em 1924, Severino Bezerra foi nomeado Juiz Substituto Federal, como mostra o fragmento retirado da revista Correio da Manhã (RJ):

O presidente da Republica assignou hontem os seguintes decretos na pasta da justiça: Nomeando suplentes do substituto do Juiz Federal: [...] na secção do Rio Grande do Norte: 1^a, 2^a e 3^a em Natal, Severino Bezerra de Mello, Joaquim Policiano Leite e Alfredo Cerqueira de Carvalho; [...] (CORREIO DA MANHÃ, 1924)

Como atuante na educação do Rio Grande do Norte e com a necessidade de aumentar sua renda, em 1926, Severino Bezerra passou em concurso público para professor de Instrução Moral e Cívica no Ateneu Norte-Rio-Grandense. O professor foi aprovado com duas teses, intituladas “Instrução Cívica - o voto” e “Moral Prática - a família: constituição social e autoridade”. A sua nomeação foi publicada nas Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte para a Assembleia (RN) em 1926, disponíveis na Hemeroteca Digital (2020): “Houve 3 concursos para Portuguez, Philosophia e Instrucção Moral e Civica, sendo nomeados os srs. Israel Nazareno de Souza, Padre João da Matha Paiva e Severino Bezerra de Mello, para essas cadeiras”.

Posteriormente, lecionou Geografia na Escola Normal de Natal e dirigiu a Escola de Comércio de Natal, também lecionando na Escola Doméstica de Natal e na Escola Feminina do Comércio.

Professor Severino Bezerra sempre almejou uma educação de qualidade, em que os jovens teriam o hábito da leitura, falariam corretamente o bom português e aprenderiam outras línguas. Além disso, deveriam aprender bons modos para ter uma boa educação. Para ele, todos deveriam ter acesso a uma boa formação, incluindo os filhos de seus amigos de interior, que não tinham onde estudar. Desde quando se mudou para São José de Mipibu/RN, sonhava em construir seu próprio colégio, onde não cobraria valores exorbitantes como a maioria dos colégios internos de Natal, amenizando o problema de seus amigos interioranos. Afinal, educação não era apenas um negócio para o professor Severino.

Conforme Sirinelli (1998), a história dos intelectuais situa-se em uma encruzilhada entre o cultural e o político. Não é possível ainda dissociarmos o intelectual da sociedade na qual está inserido, da qual é um reflexo e que ajuda a construir. Barbosa (2000), em seu livro, relata a vida e obra de Nany, uma das filhas de Severino Bezerra, narrando alguns dos anseios de Severino e sua família:

A divagação corria solta noite adentro para depois voltar, nos próximos dias de lua cheia. Os dois juntos tocando escola: ele na direção, escolhendo os professores, dando aulas no ginásio; Judith, na administração, provendo a cozinha, dando aulas aos menores, ensinando música, cuidando do lado artístico que ele tanto apreciava! Colégio e família convivendo juntos, no mesmo espaço (BARBOSA, 2000, p. 26).

O livro biográfico, que narra a história de Nany, nos permitiu observar indícios das diversas faces de Severino, em especial sobre seu âmbito familiar e seus anseios, estes que eram pouco perceptíveis a partir de fontes como revistas,

jornais e outros documentos oficiais. Ginzburg (1989, p. 157) afirma que o conhecimento do historiador é próximo do conhecimento construído pelo médico que investiga os sintomas para compor o quadro da doença a ser tratada, para ele “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”.

O método indiciário proposto por Ginzburg (1989) nos permite, dentro do campo da História da Educação, responder aos questionamentos da pesquisa a partir da investigação de diversas fontes e da contextualização entre elementos que, apesar de distintos, se unem e permitem o preenchimento das possíveis lacunas na pesquisa. Sendo assim, com os recortes encontrados em revistas e documentos oficiais, assim como o livro biográfico sobre sua filha Nany, nos trouxe elementos essenciais para a análise da trajetória de Severino pela educação norte-rio-grandense.

4 A construção do Colégio Dom Pedro II

Em 1924, assumia o governo do Estado do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, compadre do professor Severino, que dividia com o amigo os mesmos ideais educacionais. Antes mesmo de se tornar governador, já batalhava pela educação, sendo diretor da Conferência Interestadual de Ensino Primário e fundador da revista A Educação. Após eleito, deu à educação lugar de destaque em seu governo, ampliando o número de escolas, a exemplo da Escola Doméstica, instituição de alta qualidade fundada em sua gestão.

A ideia de Sirinelli (1996) contribui com a nossa reflexão, quando o autor considera que os grupos de intelectuais se organizam em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum, assim como de afinidades difusas, porém igualmente determinantes, que estabelecem uma vontade e um gosto em conviver. Sendo assim, Severino Bezerra fazia parte do que conceituamos como uma rede de sociabilidade (SIRINELLI, 1996) que legitimava sua atuação na imbricação entre os campos político, educacional e intelectual.

Severino divagava em suas conversas com o compadre discorrendo sobre seu anseio por construir um colégio, mesmo com sua falta de recursos. Em um trecho da sua obra, Barbosa (2000) relata que o governador José Augusto decide então ajudar o seu compadre Severino a realizar o seu sonho de construir um colégio próprio: “Professor Severino Bezerra é homem de bem, e um educandário sob a sua orientação serviria para o engrandecimento do Rio Grande do Norte. Disso tinha certeza! Haveria de encontrar um meio de ajudar o compadre!”

E assim o fez. Descobriu que o professor Ezequiel Barbosa acabava de fechar o seu antigo colégio, colocando todo mobiliário à venda. Aproveitando-se da coincidência, José Medeiros realiza a compra de todo o mobiliário de Ezequiel e depois convida o professor Severino para uma visita ao palácio e discursa: “O compadre trate de alugar um imóvel. Se a questão é o mobiliário, o senhor já pode instalar, amanhã mesmo, o seu colégio” (BARBOSA, 2000).

Com ajuda do seu compadre, em 1927, o professor Severino Bezerra fundou o Colégio Dom Pedro II, internato, semi-internato e externato. O Colégio Pedro II estava localizado na antiga rua do Norte, em Natal/RN, ao lado direito do Teatro Carlos Gomes, atual Teatro Alberto Maranhão.

A estrutura do colégio era um casarão, situado em uma chácara entre mangueiras, local onde Severino residia com sua família. Para Cardoso (2000), a construção do colégio veio a somar, proporcionando um alto padrão de ensino e formando jovens que iriam ocupar as mais altas posições nos setores da sociedade potiguar.

Antes da sua inauguração, o colégio já possuía alunos matriculados nas três modalidades, advindos do curso particular do professor Severino Bezerra. Além disso, alguns colegas de Severino do interior do estado, ao saberem da criação do colégio pelo Intelectual, matricularam seus filhos e o divulgaram aos seus conhecidos. Assim, no ano seguinte a sua inauguração, o colégio já possuía 50 internos, vindos de cidades como: Goianinha, Caicó, Ceará-mirim, Currais Novos, São José do Mipibu e Pau-dos-Ferros.

Inicialmente, o internato receberia apenas rapazes, porém, pensando nos pais menos favorecidos, que não tinham como matricular suas filhas em colégios caros como a Escola Doméstica ou a Escola de Freiras de Natal, o professor Severino decidiu então abrir um internato também para meninas, apenas algumas moças filhas de seus colegas, que conviviam no mesmo espaço que suas filhas, como mostra a Figura 3.

Figura 3 - Festa de final de ano do Colégio Dom Pedro II (1935)



Fonte: Barbosa (2000).

O professor Severino, com seu colégio em expansão, mantinha rigor de pai e severidade e rigidez de professor. Marta, sua filha caçula, relembra:

Papai tomava conta do colégio com muito cuidado. No internato, meninos e meninas só se misturavam durante as aulas. À medida que nós íamos crescendo, ele ia controlando tudo; não permitia nem que a gente olhasse para os rapazes... À noite, depois que todos iam dormir, fazia a ronda. Ele, sozinho. Se descobrisse alguma coisa, trazia o aluno para doutriná-lo. E lá no último salão, bem baixinho, passava os castigos (BARBOSA, 2000, p. 31).

A rigidez tinha uma justificativa. Professor Severino queria elevar o colégio Dom Pedro II ao nível dos grandes colégios de Natal/RN. Para isso, os professores foram selecionados para um ensino de alto nível: Luís da Câmara Cascudo (História do Brasil); Nilo Pereira (Francês); Edgar Barbosa (História universal); padre Calazans Pinheiro (Geografia); dr. José Ivo (História natural); Ivone Barbalho e Marieta Gurgel (Inglês); Júlio Rezende (Matemática); entre outros.

Contudo, precisamos compreender o conceito de intelectual a partir de uma concepção ampla e sociocultural, englobando não apenas o envolvimento do sujeito, mas sim considerando o contexto em que está inserido e a sua influência neste como criador e mediador cultural.

Barros ressalta a necessidade de

perceber a rede dentro da qual está inserido determinado autor “produtor de idéias” – investigando dentro desta rede tanto as influências que o autor recebe como a recepção de suas idéias pelos seus diversos contemporâneos. Importante examinar, ainda, os diálogos do “produtor de idéias” com toda uma rede intertextual que remonta à tradição dentro da qual seu pensamento se inscreve ou que, também de modo contrário, o contrasta com as tradições contra as quais as idéias do autor estabelecem uma relação de ruptura” (BARROS, 2004, p. 208).

O colégio então começou a ganhar fama pelo estado e, em 1929, inaugurou seu curso Ginásial. Apesar do seu reconhecimento pela maioria da população, uma determinada instituição de ensino do estado iniciou uma campanha contra o Dom Pedro II, que devido a uma denúncia, precisou trocar o nome do colégio para não ser confundido com o famoso colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro. Sendo assim, foi registrado em cartório o novo nome: Ginásio Rui Barbosa.

Posteriormente, mais uma acusação: o Rui Barbosa não ofereceria condições necessárias para o funcionamento de um Ginásio, pois lhe faltavam instalações apropriadas, como laboratório, em sua estrutura. Assim, faltando apenas um ano para a formação da primeira turma de Ginásio do colégio, a fiscalização fechou o curso. Os alunos tiveram que ser transferidos para o Atheneu.

Professor Severino manteve o colégio aberto com o curso primário e criou o curso prático, no qual desenvolveu suas ideias de boa formação de jovens com aulas de conhecimentos gerais e línguas. Entretanto, o colégio não foi mais o mesmo, como relata sua filha Nany, em sua biografia:

Pegaram no ponto fraco. Sabiam que o meu pai não teria condições para comprar um laboratório. Através do Ministério da Educação, conseguiram tirar o curso ginásial, que era o seu sonho. Ele pretendia,

com o colégio, chegar à faculdade. Depois disso, achou que, só com o curso primário, não havia mais razão para continuar. Por conta disso, ficou triste e doente, por muito tempo. Tentou, ainda, que Túlio e Cresco – os filhos mais velhos – levassem adiante o colégio. Não deu certo. Eles não tinham vocação para o magistério (BARBOSA, 2000, p.33).

Mesmo decepcionado com as denúncias e as mudanças em seu colégio, o professor Severino continuou a dar suas contribuições para a educação do estado, mas de outras formas. Em 1930, foi convidado e aceitou ser Diretor da Instrução Pública do novo governo do Rio Grande do Norte, na sua primeira intervenção, uma demonstração do reconhecimento do estado de seu trabalho e empenho. Severino permaneceu nesse cargo por vinte anos, em mandatos seguidos de diversos interventores e governadores: Irineu Jofili; Bertino Dutra; General Fernandes Dantas; Georgino Avelino; Seabra Fagundes; Ubaldo Bezerra (irmão do professor Severino Bezerra de Melo); General Oreste da Rocha Lima; José Augusto Varela; e Sylvio Pedrosa.

Nessa perspectiva, ressaltamos Severino Bezerra a partir da compreensão de sua figura como intelectual. Sirinelli (2007) aponta, entre as estruturas elementares da sociabilidade, as gerações, pois ele compreende que no meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais: um intelectual é definido por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo.

5 Um intelectual da educação norte-rio-grandense

Dentre seus atos no período em que estava na cadeira de Diretor da Educação do Estado, podemos destacar a implantação do Ensino Pré-primário, a partir dos jardins de infância; a instituição da merenda escolar nas escolas públicas; e o incentivo às práticas de Educação Física e de estudos de música, bem como a formação do Canto Orfeônico. Tudo isso sem abandonar as salas de aula.

Câmara Cascudo, professor, historiador e colega do professor Severino Bezerra, escreveu em seu livro *Ontem* (1972):

Fundou e manteve o colégio Pedro II, 1927-1946, onde fui professor. Meu colega no magistério do Atheneu. Alto, magro, testa abaulada de meditativo, queixo de teimoso, olhos agudos, sorriso de ironia entendedora, comunicante e pouco comunicativo, reservado na prudente desconfiança a todos os entusiasmos transbordantes, foi inteligência de fonte legítima. Sério. Digno. Grave sem afetação. Sem embriagar-se, as novidades pedagógicas. Não desfilou em nenhuma procissão metodológica, porta-bandeira ou aclamador provisório (CASCUDO, 1972, p. 93).

Cascudo ainda relata que o método utilizado pelo professor Severino Bezerra em sala de aula era o de transmitir quantitativamente o conteúdo. O mestre funcionava como um “transformador”, evitando que o excesso da força provocasse um “curto-circuito” nas instalações estudantis. Sobre a atuação de Severino Bezerra como Diretor do Departamento de Educação, temos a fala de Walter Wanderley, que afirma:

Guardo dele as lembranças mais caras. Quando teve de ocupar, várias vezes, as funções de Diretor do Departamento de Educação, mesmo em hora de excepcional agitação política, foi o homem sereno e equilibrado de sempre. Ninguém lhe falasse em demitir uma professora. Mesmo nas simples transferências, sempre justas, que nós políticos solicitávamos, fazia ponderações, esfriava nosso entusiasmo partidário com conselhos sábios. E isso foi bom (WANDERLEY, 1971, p.14).

Severino Bezerra foi professor durante quarenta e cinco anos, lecionando nos cursos ginásial, colegial e médio, se aposentando apenas em 1952. Ele faleceu aos 82 anos, em 25 de fevereiro de 1971.

Em vida, foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), instituição que viria a reconhecer sua importância, homenageando-o no centenário de seu nascimento. Sirinelli (1998) nos auxilia a compreender que as elites culturais não estão separadas da sociedade e sim ligadas a ela. Sobre isso, o autor salienta que:

O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído de seus pensamentos ressoa no exterior. É afinal o que dá a sua especificidade à “alta intelligentsia”: dela participam os que possuem, a um ou outro título, poder de ressonância (SIRINELLI, 1998, p. 265).

Pensamos assim os cruzamentos na vida dos intelectuais do Rio Grande do Norte, em especial do professor Severino com demais intelectuais que possuíam notoriedade no estado. Severino Bezerra era membro da Associação de Professores do Rio Grande do Norte – APRN, entidade de classe de maior representação e de importante história para a educação do Rio Grande do Norte, criada em 1920. Severino atuou como orador na mesma época em que era presidida pelo seu colega professor e intelectual Amphilóquio Carlos Soares. Encontramos também textos do professor Severino publicados em revistas como *Pedagogium*, a revista oficial da APRN, na qual escreveu sobre as Escolas Rudimentares, em 1921 e 1922.

Conforme nos aponta Sirinelli (1998), há uma necessidade de analisar as ideias produzidas e defendidas pelos intelectuais de forma articulada com a cultura política da época em que ele está inserido. Posto isso, evidenciamos a figura histórica de Severino Bezerra como um importante intelectual do nosso estado, que atuou em nossa sociedade contribuindo para instrução pública norte-rio-grandense, recebendo homenagens, dentre as quais temos a atribuição de seu nome a três escolas públicas estaduais, uma em Natal, no bairro de Mãe Luiza, uma em Tangará, e mais uma escola municipal em São José de Mipibu.

6 Considerações finais

A partir das concepções de intelectual de Sirinelli (2003), compreendemos que “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora”. Apreendemos então que essas relações descritas pelo autor são possibilitadas por espaços de sociabilidade e, ao investigarmos a história dos intelectuais, notadamente a de Severino Bezerra na Primeira República, percebemos que Severino estava em uma rede de sociabilidades com os sujeitos que integravam a elite cultural do Rio Grande do Norte, a mesma elite que ocupava cargos pelas diferentes instituições educacionais, políticas, culturais e administrativas no estado.

Entendemos que o campo intelectual está interligado com o educacional e o político. Classificamos então Severino Bezerra como intelectual, enfatizando a necessidade de apreender as relações e funções desempenhadas por ele no Rio Grande do Norte. Desse modo, a presença de Severino no cenário norte-riograndense nos permite evidenciar sua relevância no âmbito da História da Educação, como educador e intelectual, considerando a comunidade e o contexto no qual estava inserido.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Valdinha de Melo. Nany, **Suíte em cinco movimentos para uma violoncelista**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2000.
- BARROS, José D’Assunção. “Fontes Históricas – um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos”, **Revista Albuquerque**. v. 3, n. 1, 2010.
- _____. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, p. 17 -35, dez. 2004
- _____. FONTES HISTÓRICAS – UMA INTRODUÇÃO AOS SEUS USOS HISTORIOGRÁFICOS. In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 2., 2019, Rio de Janeiro: Anpuh, 2019. p. 1-17.
- CARDOSO, Rejane (Coord.). **400 nomes de Natal**. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Ontem**. Natal: Imprensa Universitária, 1972.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 10 fev. 1924.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RIO GRANDE DO NORTE. **Mensagem dos governadores**. Natal: Typographia d’A República, 1926.

SILVA, Janeclécia Ferreira da. **A prática educativa do professor Severino Bezerra de Melo, em Natal/RN (1927-1946)**. 2009. p. 65. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-280.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Chicuta Nolasco Fernandes: intelectual de mérito**. Natal: Editorial A República, 2006.

MELO, Severino de. A Escola Normal do Rio Grande do Norte e a sua instalação em 1908. **A república**, Natal, 31 de mai. 1958.

NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva. **A Escola Normal de Natal: Rio Grande do Norte 1908-1971**. Natal: Ifrn, 2018. 2016 p.

PEDAGOGIUM, Revista Oficial da Associação de Professores. Ano 1, n.2, Natal, novembro, 1921.

PEDAGOGIUM, Revista Oficial da Associação de Professores. Anno 2. n.3. Natal. Empreza Typographica Natalense. Março. 1922.

WANDERLEY, Walter. **Eliseu Viana, o educador (1890-1960)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.